

## Contributo para o estudo do verbo *sentir* – perspectiva enunciativa

*Helena Topa Valentim*

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa  
Grupo de Investigação “Gramática e Enunciação”, Centro de Linguística da U.N.L.

Se tivermos presente a diversidade dos empregos do verbo *sentir*, parece-nos haver uma ausência de restrições quanto à natureza semântica do seu complemento. Ou seja, são muitas as coisas que se pode dizer sentir. Nomeadamente, *sentir* permite referir campos perceptivos diferentes, dependendo da natureza semântica do grupo nominal que ocupa a posição de complemento.

Neste âmbito da interpretação perceptiva, o complemento de *sentir* remete, regra geral, para o domínio tátil, como está patente nos seguintes enunciados:

- (1) Quando toquei no braço, senti um inchaço
- (2) Agora sim, senti o buraco na algibeira das calças

Só temos uma referência aos sentidos do odor e do gosto, ou até mesmo da audição, se ocorrem, de forma explícita, com complementos nominais como, por exemplo, os termos *odor* ou *cheiro* (enunciado 3), *gosto* ou *sabor* (enunciado 4) e *estruendo* ou *baque* (enunciado 5), respectivamente, ou se, por meio de outra forma lexical (enunciados 6 e 7) ou até mesmo contextualmente, se preconstrói essa significação:

- (3) Não sentiu nenhum cheiro a maresia
- (4) Sinto um ligeiro sabor a erva doce
- (5) De repente sinto um baque no chão (CRPF, Ref: 475-21-AOO-001-57-M-B-6-8-00)
- (6) Sinto um perfume que me faz lembrar as idas à praia na minha infância
- (7) Pus uma pitada de gengibre no bolo mas não o sinto

Pode ainda ocorrer com o termo *dor*

- (8) Senti uma enorme dor de cabeça

ou, muito frequentemente, com nomes compactos como *saudade*, *orgulho*, *tristeza*, *necessidade*, *dificuldade*, *atração* (enunciado 9):

- (9) Quando vai a guiar na estrada, uma pessoa sente aquela atracção pelo acelerador (CRPF, Ref: 481-04-A00-009-21-F-J-5-8-00)

Sem que refira nenhum campo perceptivo, mas ainda assim dando conta de um processo cognitivo, podemos ter um enunciado que, ocorrendo com um complemento proposicional – neste caso, uma construção completiva –, activa um raciocínio por inferência indutiva, sendo, por isso um processo lexical de construção da categoria mediativo:

- (10) Sinto que o outono chegou: os dias estão mais frios

Dada esta diversidade – estas particularidades de partida –, parece, assim, impossível estabelecer para esta unidade lexical uma caracterização unitária que, à primeira vista, mobilize os traços semânticos relativos a cada um destes empregos possíveis. Conforme se postula em FRANCKEL & LEBAUD (1995), e no quadro do que seria um “projecto de gramática lexical”, o propósito de caracterizar qualquer unidade lexical cumpre-se não com base num “qualquer sentido de base minimal de que todos os outros derivariam”, mas sim através de “um esquema operativo aberto, abstracto mas preciso, susceptível de dar conta da diversidade dos seus empregos e das restrições que os regem” (1995: 261).

Os valores que se podem manifestar nos enunciados em que ocorre o verbo *sentir* não devem ser considerados independentemente do predicado, não sendo também imputáveis apenas aos termos do contexto, nomeadamente à natureza do termo com a função de complemento.

Situando-nos no quadro da teoria formal enunciativa de Antoine Culioli, partamos do primado teórico de que todo e qualquer termo, simples ou complexo, se define pelo conjunto das relações de localização (binárias) em que entra e ainda de que cada termo regista uma re-determinação sucessiva através de localizações também elas sucessivas.

Ainda neste quadro, é, pois, fundamental que, para a descrição da construção da relação predicativa, se considere o modo de determinação das relações entre os termos que a compõem, isto é, as relações entre o predicado e o grupo nominal com a função de complemento. Assim, na descrição e caracterização dos diversos empregos de *sentir*, ocupam um lugar central o modo de determinação das relações predicativas na base dos enunciados presentes mas também a sua localização situacional – isto é, as relações entre a sequência predicado-complemento e os parâmetros enunciativos.

Estas duas determinações – ao nível da relação predicativa e ao nível da localização situacional – combinam-se para, conforme se propõe em FRANCKEL & PAILLARD, “operar uma dupla delimitação do enunciado” (1992: 35). Neste mesmo artigo, descrevem-se as duas formas de delimitação do predicado, de acordo com a natureza da relação que se estabelece entre dois termos: construção e especi-

ficação. A operação de construção “funda-se na fronteira entre o que é e o que não é, entre presença e ausência; introduz um termo no campo do discurso” (idem: 35) e é assimilável a uma predicação de existência. A operação de especificação “permite fundar as diferenças de ordem qualitativa” (ibidem), isto é, supõe que os termos em causa sejam objecto de uma operação de construção.

Esta dupla delimitação constitui uma dupla operação de localização entre um termo localizador e um termo localizado: trata-se da operação de construção de um termo por meio da sua relação com um outro termo e da operação de especificação de um termo por outro termo (cf. PAILLARD 1991).

Na sequência da análise proposta em FRANCKEL & LEBAUD (1995) para o verbo francês *sentir*, os conceitos metalinguísticos de construção e de especificação permitem reproduzir as condições de produção do verbo *sentir*.

Retomemos o enunciado (1)

(1) Quando toquei no braço, senti um inchaço

A predicação de existência de *um inchaço* – ou seja, a operação de extracção de uma ocorrência qualquer da classe de ocorrências abstractas associadas à noção – é, neste caso, indissociável da operação de construção que se opera pela sequência *quando toquei no braço* e que funda a pertença desta mesma ocorrência a uma classe de ocorrências. O sujeito sintáctico da sequência *quando toquei no braço* (primeira proposição do enunciado) – identificado, neste caso, com o enunciador – é o localizador da operação de construção de uma classe de ocorrências, simultaneamente individuáveis e indiscerníveis, classe essa a que pertence o ponto correspondente a *um inchaço*. Já o sujeito sintáctico da segunda proposição (*senti um inchaço*) – também identificado com o enunciador – é o localizador da operação de especificação a partir do qual a ocorrência *um inchaço* é qualitativamente distinguida da classe e construída como uma ocorrência singularizada.

A determinação do complemento de *sentir* – *um inchaço* – advém de uma relação de diferenciação: “o sujeito não pode identificar directamente aquilo de que se trata senão sob a forma de uma diferença em relação àquilo que se interpreta como liso” (FRANCKEL & LEBAUD 1995: 276). A ocorrência de *um inchaço* é, pois, especificada através da relação de diferenciação que estabelece relativamente às outras ocorrências da classe. É nessa classe de ocorrências que surge um “factor de variabilidade” (idem: 264), marcado pela sequência *quando toquei no braço*, a partir do qual a ocorrência *um inchaço* é singularizada.

Temos, pois, uma dupla operação, indissociável mas disjunta: uma operação de construção e uma operação de especificação. Desta dupla determinação resulta que o complemento de *sentir* é “necessariamente interpretável como diferença, como alteridade” (ibidem), isto é, constrói a especificação de uma diferenciação. Aliás, o complemento de *sentir*, em geral, corresponde, de facto, a termos que mar-

cam um qualquer tipo de descontinuidade – como *inchaço*, *buraco* (enunciado 2), *alto* (em *sinto um alto na cabeça*) – ou uma qualquer forma relevância – como *cheiro* (enunciado 3), *sabor* (enunciado 4), *baque* (enunciado 5), *dor* (enunciado 8), *atracção* (enunciado 9), *dificuldade* (em *sinto dificuldade em explicar o que penso*), *necessidade* (em *ela sentiu necessidade de contar a sua experiência*), *saudade* (em *sinto saudade dos meus amigos*), entre muitos outros exemplos possíveis. Trata-se, em todos os casos, de especificação, da singularização de uma ocorrência, por isso, qualitativamente distinguida da classe.

Refira-se também que este carácter de relevância que defendemos caracterizar o complemento de *sentir* serve, de forma privilegiada, os objectivos de persuasão e de justificação que caracterizam alguns contextos argumentativos. Argumentativamente, é preciso construir relevância, daí que, nestes contextos, seja frequente o recurso a enunciados em que ocorre o verbo *sentir*.

Observa-se um fenómeno da mesma ordem no enunciado 11, que implica uma descontinuidade relativamente ao que seja o estado normal.

(11) Como te sentes?

Este enunciado exige precisamente um contexto que viabilize uma tal descontinuidade: esta pergunta só é formulável em caso de uma qualquer indisposição, doença.

Ora, quando o termo complemento não é compatível com tal interpretação de diferenciação, impõem-se certas restrições. Dificilmente teríamos um enunciado como:

(12) ? Sinto uma mesa

Embora ateste a tendente interpretação no domínio táctil, este enunciado tem como complemento um termo que não é, a priori, interpretável como especificação de uma diferença. A sequência *mesa* – como *caderno*, *maçã*, etc – seriam naturais apenas numa situação do tipo “jogo-de-cabra-cega”, em que está em causa “o reconhecimento de objectos à medida que se procede a uma investigação” (idem: 265).

O modo como se articulam as duas operações de construção e de especificação parece fundar a variabilidade dos empregos de *sentir*. Nomeadamente, a partir da análise proposta para o enunciado 1 e na sequência de FRANCKEL & LEBAUD, pode formular-se a hipótese de que este verbo opera uma dissociação entre as operações de construção e de especificação.

Víamos, para o enunciado 1, que o sujeito sintáctico da segunda proposição (*senti um inchaço*) é o localizador da operação de especificação, e que a operação de construção é recuperável por intermédio da proposição *quando toquei no braço*. No entanto, esta mesma operação de construção pode ser recuperada ao nível do

complemento de *sentir* quando este assume uma forma proposicional, completiva (enunciado 13) ou infinitiva (enunciado 14).

- (13) Sentiu que a sua missão como advogado era fazer a mesma coisa que fazia um varapau na Idade Média (CRPF, Ref: 232P124)  
 (14) Sentiu ter um problema sério (CRPF, Ref: 36-09-COO-002-23-F-D-4-7-H)

Nestas duas situações, o complemento é objecto de uma retoma, isto é, encontra-se determinado por um pré-construído.

No caso do enunciado 13, como aliás no do enunciado 10 (que também tem como complemento uma completiva), é função do marcador *que*, introdutor da completiva, assinalar que as proposições *a sua missão como advogado era de fazer a mesma coisa que fazia um varapau na Idade Média* (enunciado 13) e *o outono chegou* (enunciado 10) são objecto de uma pré-construção independentemente dos enunciados em curso. A forma *que* é, pois, marcadora da localização do complemento pelo enunciador: corresponde, nas palavras de Culioli, à “imagem do primeiro enunciador e representa, portanto, o acto assertivo do sujeito enunciador, origem de toda a enunciação” (1974: 12). Assim, é relativamente a estas proposições pré-construídas (*a sua missão como advogado era de fazer a mesma coisa que fazia um varapau na Idade Média* e *o outono chegou*) que *sentir* introduz determinação, sendo o sujeito sintáctico o localizador da operação de especificação operada.

A pré-construção das proposições, que são, nestes enunciados, complemento do verbo *sentir*, está associada à relação de inferência abductiva existente, no caso do enunciado 10, entre a manifestação inerente a *os dias estão mais frios* e a chegada do outono. No caso do enunciado 13, a relação de inferência por abdução estabelece-se entre um qualquer indício observado, desta feita, não verbalizado e eventualmente recuperável no contexto, e o facto de que *a sua missão como advogado era de fazer a mesma coisa que fazia um varapau na Idade Média*. O “facto inferido” é – como o “facto relatado” e como o “facto surpresa” (GUENTCHÉVA 1995, 1996) – um dos fenómenos de enunciação mediatizada: “aqueles [fenómenos] em que o enunciador não é a primeira fonte, isto é, em que o conhecimento que está na origem do seu juízo não resulta de experiência directa” (CAMPOS 2001: 327). A inferência – seja ela dedutiva, indutiva ou abductiva – é a codificação de certos “mecanismos perceptivos que desempenham o papel de filtro entre a informação e o enunciador” (GUENTCHÉVA 1996: 13). Baseia-se em mecanismos de percepção e de raciocínio, resultando, por isso, de um conhecimento construído a partir de indícios observados.

A natureza abductiva da inferência subjacente ao enunciado 10 explica-se pelo facto de este ser analisável não em termos de necessidade lógica mas sim em termos de plausibilidade: o arrefecimento dos dias é um indício que possibilita a formulação da conclusão apenas provável – não necessária, portanto – de que o outono se aproxima.

O verbo *sentir*, empregue conforme se exemplifica com estes enunciados, constitui, pois, um processo lexical de enunciação mediatizada: marca a atitude de distanciamento do enunciador relativamente aos factos que apresenta, isto é, marca a construção de uma asserção não estrita. É, por isso, indispensável situar este valor mediativo construído por *sentir* no domínio da modalidade. Aliás, “todos os factos inferidos têm em português uma expressão privilegiada nos verbos modais *poder* e sobretudo *dever*, ocorrendo com diversos valores” (CAMPOS 2001: 332).

Ao valor mediativo subjacente ao enunciado 10, e marcado pelo emprego do verbo *sentir*, associa-se um valor epistémico. Daí, a possibilidade de este enunciado ser parafraseado recorrendo a *dever*:

(10') O outono deve estar a chegar: os dias estão mais frios

Nesta paráfrase, o valor de suputação, um dos valores epistémicos do modal *dever*, é exactamente “um juízo que resulta de uma inferência do enunciador [...], a partir do seu conhecimento indirecto do estado de coisas referido pela relação predicativa modalizada” (CAMPOS 1998: 139).

Para a análise do enunciado 14, volta a ser útil a descrição do modo como se articulam as duas operações, de construção e de especificação. Temos novamente uma dissociação entre as duas operações tal como a pré-construção do complemento, que assume, neste caso, uma forma infinitiva. Senão, vejamos.

Muito dificilmente teríamos uma sequência como 14':

(14') ?? Sentiu um problema sério

Da má formação enunciativa do enunciado 14', retira-se que a forma do infinitivo *ter* (enunciado 14) é necessária como mediação, isto é, corresponde à construção de *um problema sério* em relação ao sujeito sintáctico não expresso da infinitiva. Apesar da sua identificação referencial há, no enunciado 14, uma dissociação entre o sujeito sintáctico marcado morfologicamente na conjugação de *sentiu* e o sujeito sintáctico não expresso da infinitiva: o primeiro é o localizador da operação de especificação e o segundo é o localizador da operação de construção. Em 14', *um problema sério* não pode ser objecto de uma especificação; integra uma proposição que é objecto de uma retoma, isto é, que se encontra determinada por um pré-construído

Devido a esta disjunção, espécie de clivagem, que existe entre um e outro sujeitos, a construção de *um problema sério* resulta de “uma «força» que se exerce às custas do indivíduo que é a fonte”. Daí a ocorrência privilegiada de adjectivos como *sério*, *irremediável*, *irresolúvel* (FRANCKEL & LEBAUD 2001: 271).

O emprego de *sentir* nos enunciados 2 e 9 corresponde igualmente à especificação de um termo já construído noutra situação de enunciação. Ou seja, a especificação operada por *sentir* recai sobre um termo, determinado pelo artigo definido (enunciado 2) e por um demonstrativo (enunciado 9), cuja construção é estabilizada independentemente do enunciado em curso, e portanto, independentemente da sua construção como complemento de *sentir*. Há, aqui ainda, dissociação entre a construção e a especificação do termo complemento.

O enunciado 2 parece sugerir ter havido, em diferentes momentos, várias tentativas de identificar (de sentir) *o buraco na algibeira das calças*. Houve, digamos, uma “retenção no tempo da actualização da especificação” deste complemento operada por *sentir*. (idem: 273). Esta actualização da especificação e consequente resolução da suspensão é marcada pela expressão incoativa *agora sim*, que assinala a demarcação entre não sentir e sentir. Assim, o enunciado 2 significa que passou a ser especificável aquilo que não o era.

A forma negativa de *sentir* estabiliza esta suspensão. Nos enunciados 3 e 7, a forma negativa marca que a presença do que o termo complemento designa – neste caso, *cheiro a maresia e gengibre* – não é reconhecida: dada (pré-construída) a presença de *cheiro a maresia* (enunciado 3) e de *gengibre* (enunciado 7), esta não é especificável na situação de enunciação fonte de determinação de cada um destes enunciados. Esta não especificação não é, pois, simplesmente assimilável a uma ausência: a construção do complemento encontra-se já estabilizada independentemente do enunciado em curso.

Para uma caracterização geral de *sentir*, refira-se, em jeito de síntese, que este lexema marca a especificação de uma ocorrência, de forma perfeitamente dissociada da sua construção. Tal dissociação, entre especificação e construção, é necessariamente interpretável como diferenciação: por um lado, a construção de uma ocorrência faz-se por referência a uma classe de ocorrências, individuáveis e indiscerníveis, e por outro lado, a especificação introduz uma propriedade diferencial nesta classe (idem: 275-6).

Esta instabilidade da especificação em relação à construção tem várias consequências que se manifestam nos vários empregos de *sentir* aqui exemplificados e analisados.

Uma delas é o facto de a determinação do complemento de *sentir* – *um inchaço* (enunciado 1), por exemplo – advir de uma relação de diferenciação: o complemento é especificado através da relação de diferenciação que estabelece relativamente às outras ocorrências da classe.

Considere-se igualmente decorrer desta caracterização de *sentir* a forma de incerteza indissociável da relação de inferência subjacente, por exemplo aos enunciados 10 e 13.

Já nos empregos em que se refere um qualquer campo perceptivo – como nos enunciados 1, 2, 4, 5, 6 e 8 –, constrói-se um valor de certeza, que, no entanto, se

prende com algo a que se tem um acesso aspectuo-temporalmente restrito e que, portanto, não se pode consubstanciar em estado resultante. *Sentir* remete para processos efémeros e puramente circunstanciais, para percepções fugazes, evanescentes, sem qualquer perenidade possível. Com excepção do que se passa quando ocorre com nomes compactos como complementos, “só uma localização temporal [...] permite assegurar uma permanência no tempo” (idem: 277) (por exemplo: *sentiu um cheiro a maresia durante todo o dia*).

É ainda pelo facto de o complemento de *sentir* não ser objecto de uma construção e de corresponder apenas a uma especificação, que este “não pode funcionar como ponto de partida de uma relação predicativa” (como agente da passiva) (ibidem) e de, conseqüentemente, *sentir* bloquear as construções passivas.

Finalmente, a radical dissociação entre construção e especificação implica que *sentir* não possua um objecto interno (isto é, o sensível) e que, decorrentemente, sejam poucas as restrições ao nível do valor semântico do que pode ocorrer como seu complemento. São muitas as coisas que se pode dizer sentir; escapa algo fundamental: a própria construção daquilo que se sente.

### Referências bibliográficas

CAMPOS, M. H. C.

(1998) *Dever e poder. Um subsistema modal do português*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, JNICT.

(2001) “Enunciação mediatizada e operações cognitivas” in A. SOARES da SILVA (org.) *Linguagem e cognição. A perspectiva da Linguística Cognitiva*, Braga, Associação Portuguesa de Linguística, Universidade Católica Portuguesa – Faculdade de Filosofia: 325-340.

CULIOLI, A.

(1974) “A propos des énoncés exclamatifs” *Langue Française* 22: 6-15.

FRANCKEL, J.-J. & D. LEBAUD

(1995) “Les échappées du verbe *sentir*” in J. BOUSCAREN, J.-J. FRANCKEL & S. ROBERT (eds.) *Langues et Langage. Problèmes et raisonnement en linguistique*, Paris, PUF: 261-277.

FRANCKEL, J.-J. & D. PAILLARD

(1992) “Objet: construction et spécification d’occurrences” *Le Gré des langues* 4, L’Harmattan: 29-43.

GUENTCHÉVA, Z.

(1995) “L’énonciation médiatisée et les mécanismes perceptives” in J. BOUSCAREN, J.-J. FRANCKEL & S. ROBERT (eds.) *Langues et Langage. Problèmes et raisonnement en linguistique*, Paris, PUF: 301-315.

GUENTCHÉVA, Z. (ed.)

(1996) *L’Énonciation médiatisée*, Louvain- Paris, Editions Peeters.

PAILLARD, D.

(1992) “Repérage: construction et spécification” in *La Théorie d’Antoine Culioli. Ouvertures et incidences*, Paris, Ophrys: 75-88.